

DNRO0047

CIMI/Rondônia e a realidade indígena

A 4.a Assembléia Nacional do Conselho Indigenista Missionário — CIMI foi realizada no final de julho passado em Cuiabá, com a participação de 150 pessoas. Entre elas, dez bispos e dois chefes indígenas de cada povo

Para se ter um quadro da situação do Território de Rondônia é indispensável ter em consideração a política econômica, nacional e internacional, dos últimos anos.

Rondônia tornou-se a válvula de escape da tão badalada "reforma agrária", programada, engavetada e nunca realizada.

O processo migratório rumo novas terras foi muito além das expectativas dos órgãos competentes, incapazes de acolher e assentar tantas famílias.

No processo desenvolvimentista implantado na Rondônia, também aqui chegou a famigerada doença da megalomania, uma coisa parece mais do que clara — os índios estão atrapalhando o progresso que vai fazer do território o celeiro do Brasil (?)

O Governo de Rondônia não está medindo esforços e dinheiro em planejamentos e obras. O único interesse e preocupação consistem em acrescentar uma nova estrela no azul da União. Para conseguir isso é necessário apresentar uma boa imagem de Rondônia e como as coisas estão nesse pé, o Governo procura se apresentar como um grande executor de obras.

Entre os colônios que invadiram a área também um fazendeiro que, segundo informação do presidente do Sindicato de Cacoal, está recebendo do INCRA novas terras.

Em Cacoal correm notícias de que o juiz da comarca de Porto Velho, se de um lado não está disposto a assinar liminar a favor dos posseiros, tão pouco irá assinar uma ata de despejo para a polícia federal poder intervir.

Amoré da Cunha, responsável pelo PI Sete de Setembro, alegando motivos de saúde, parece estar pedindo um tempo para poder se tratar no Sul. Não será que está querendo deixar nas mãos de outro o abacaxi que ele mesmo plantou, adubou e criou com todo carinho?

As terras dos Suruí são muito férteis e se foram cobertas ao longo da última década, muito mais o serão no futuro por causa da proximidade da BR-364 (50 quilômetros de distância) e do projeto de pavimentação da mesma.

Se esse povo conseguir sobreviver à ganância do homem branco, terá uma triste história para contar: história de sofrimento, massacre e extermínio. Teve que enfrentar primeiro os seringueiros, depois os fazendeiros, empresas mineradoras e colônios, enfim, a desenfreada política desenvolvimentista.

Numa entrevista pública, Apoená Meinelles afirmou que precisa contar quanto antes os WAU-WAU para evitar que esse povo seja exterminado. Será que Apoená esqueceu o que ele mesmo afirmou quando esteve no comando da frente de atração dos Waimiri e Atrouari: "Hoje em dia vamos em missão de paz, de amizade, com os índios, mas na verdade estamos é trabalhando como pontas-de-lança das grandes empresas e grupos econômicos que vão se instalar na área..."

Os WAU-WAU atacam, em 1966, uma colôcação de seringueiros matando três crianças e ferindo a mãe. Reaparecem em 1976 e matam a flecheada do gateiro Vicente Paiva, em Ariquemés. Entre 1977 e 1979 foram dizimados todos os habitantes de uma aldeia por um grupo comandado pelos pistoleiros João dos Santos, vulgo "Sapeçado", e um tal de "Azulão", à mando de fazendeiros. Os constantes ataques dos índios levam a FUNAI a determinar a interdição de uma área de 578 mil hectares (Portaria n.º 508: 26-06-1978), abrangendo áreas dos Municípios de Ariquemés, Guajará-Mirim e Ji-Jaraná. Apesar disso, em 1978, tanto a Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais, CPRM, órgão ligado ao Ministério das Minas e Energia, quando o INCRA, entram na área interdita. Essas invasões irritam os índios que passam a atacar seguidamente vilando vários seringueiros e colônios. Em outubro de 1979 os índios voltam a atacar novamente matando um rapaz, ferindo outro e raptando o menino Fábio Prestes de sete anos.

Somente quatro meses depois desse último ataque é que a FUNAI determina a abertura da frente de atração que estava proposta desde 1977.

A causa dos sucessivos ataques dos WAU-WAU a partir de 1976 foram as constantes investidas de fazendeiros, colônios, empresas mineradoras, garimpeiros, seringueiros e gateiros, além das aberturas das rodovias BR-421 (Ariquemés-Guajará-Mirim) e RO-1 (estrada aberta para dar vazão à produção de cassiterita em território dos WAU-WAU) que causa uma pressão na tribo cuja única resposta é o ataque. Fica claro, então, que foi pelos massacres e invasões que sofreram e sofrem que esses índios se tornaram agressivos guerreiros e os ataques deles deixam bem claro que querem unicamente segurar suas terras.

Em fevereiro de 1980 a FUNAI tenta o primeiro contato com os WAU-WAU. São instalados três postos de atração, porém os índios não admitem

abrangido pelo CIMI. Coube a cada Regional fazer seu relatório. O que apresentamos em seguida é o da Regional Rondônia.

Em maio os índios retiram os presentes deixados pela equipe de atração e Apoená se mostra esperanzoso. A equipe adoece e tem que voltar.

Depois de um ano de tentativas, em março de 1981 a FUNAI conseguiu estabelecer o primeiro contato com 25 índios (16 homens, 6 mulheres e 3 crianças). Os intérpretes da FUNAI (Suruí, Cinta Larga e Paçoca Novos) não conseguem entender a língua dos WAU-WAU. Espera-se novos contatos com os índios mas até hoje eles nunca mais voltaram a aparecer.

De acordo com as afirmações da FUNAI, esses índios seriam um subgrupo dos URU-EU-WAU-WAU. O sertanista José do Carmo Santana, o Zé Bel, responsável pelas frentes de atração dos WAU-WAU, disse que esses índios se dividiram em vários grupos a fim de garantir a sua existência, em razão das perseguições sofridas por parte dos brancos. Zé Bel disse que cada grupo tem um líder e que acredita ter um líder para todos os grupos, "embora ainda não temos certeza", acrescentou.

No mês de maio de 1981 a imprensa nacional deu muita ênfase à morte de um seringueiro no rio São Miguel e de um posseiro no projeto Novo Mundo de 90 quilômetros de Cacoal. A morte do seringueiro se deu às margens do rio São Miguel bem pertinho do picadão da futura estrada que ligará Presidente Médici a Costa Marques. Isto quer dizer que a estrada vai passar na área dos índios que atacaram e mataram o seringueiro. A morte de Gabriel Gonçalves de Oliveira ocorreu no seringueiro Ivan da Cunha. O Pe. Paulo Verdeir informa que, apesar do ataque, a extração da borracha, naquela mesma região, continua. Sels anos atrás os índios tinham matado um seringueiro no seringueiro Vavá. O tal de Vavá avisou à FUNAI que foi pra lá, ficou atuando por um ano sem conseguir entrar em contato com os índios. No período em que a FUNAI esteve lá, embora não tivesse interditado a área, fez com que os seringueiros abandonassem a área. Depois disso também a FUNAI foi embora e, no ano passado, os seringueiros voltaram e foram se adentrando cada vez mais. Os índios começaram a roubar até chegar a matar o Gabriel. Todas as pessoas encontradas afirmam que se não forem tomadas providências, vão morrer outros seringueiros e índios. Os índios andam muito, são os mesmos que andam na cabeceira do Rio Cautário e Cautarinho. Em Costa FUNAI não agir logo, no Cautarinho o Marques, seu Miguel disse que, se o pessoal "está pronto para dar um jeito nesses índios bravos". Como pode-se esperar alguma intervenção da FUNAI se, como afirmou Apoená, não lhe compete responder pelos aйтios entre os índios e os brancos? A situação desses índios fica sem saída. Eles são impressionados de um lado pela estrada que está sendo aberta e do outro lado pela penetração dos seringueiros, mas a FUNAI parece não ter nada a que ver com tudo isso.

O chefe do PI de Guajará-Mirim "denunciou o seringueiro Ivan Cunha, de ter realizado uma expedição punitiva, com homens armados, no local do massacre, com objetivo de vingar a morte do seringueiro e amedrontar os índios". Será que adianta ficar nas simples acusações assistindo à matança dos índios de um lado e seringueiros do outro?

A FUNAI ainda não promoveu a demarcação das terras deste grupo, mas informa-se que existem 1,1 milhão de hectares interditados e que seriam posteriormente destinados aos WAU-WAU. Mas que coisa sem lógica, será que a FUNAI não está vendo que os URU-PÁ-ÍN estão andando e atacando bem longe da área interdita? Será que ela vai pegar esses índios pelo cabresto e levar para uma terra estranha.

BR-429, PIM DOS ÍNDIOS URU-PÁ-ÍN?

Está nos planos do Governo de Rondônia a construção da rodovia BR-429 que ligará Presidente Médici a Costa Marques com a finalidade de viabilizar a integração do vale do Guaporé. A influência de rodovia dará condições ao Governo de Rondônia e ao INCRA de executar um projeto de colonização equivalentes aos projetos implantados na área de influência da BR-364. Isso significa que dobrará a capacidade de assentamento de colônios em Rondônia. A rodovia corta terras muito férteis. Sendo o vale do Guaporé uma das mais ricas regiões em termos de pesca, a construção facilitará o escoamento desse produto. O traçado original da rodovia foi modificada em decorrência da criação do Parque Nacional das Paçoca Novos (Decreto n.º 84.019 de 21-9-1979). Novas cidades estão surgindo no eixo da BR-429 como é o caso de Alvorada D'Oeste, distrito de Ji-Jaraná. Com a pavimentação da BR-364 novas leva de migrantes entrarão em Rondônia e a BR-429 servirá para descongestionar o eixo da BR-364.

Apesar de o velho traçado ter sido desviado, a BR-429 não deixa de passar na área dos índios URU-PÁ-ÍN. Que será desses índios impressionados pela estrada, pelos projetos de colonização, pelos seringueiros, pelas fazendas, enfim, pela ganância do branco?

Outra morte ocorrida em consequência de um ataque de índios se deu no projeto Novo Mundo do setor Brasilândia. José Domingos Pereira foi morto enquanto tomava banho num córrego a 50 metros de casa. A esposa dele foi ferida mas conseguiu fugir. Apenas disse que naquela área não existe projeto de colonização do INCRA. Encontrei várias pessoas que possuem documentação do INCRA para um lote de 50 hectares e, esses lotes, se localizam justamente naquela área. Isso quer dizer que INCRA e FUNAI não estão interessados nem na sobrevivência dos índios e nem no futuro dos colônios. A mesma coisa está acontecendo para lá de Alvorada D'Oeste onde o INCRA está cortando as terras e os colônios afirmam encontrar claros sinais de presença indígena. Com a desculpa das áreas indígenas terem sido demarcadas ou interditas o INCRA está cortando todas as terras também aquelas onde é por todos reconhecida a presença de índios.

Naquela área além do projeto de colonização do INCRA existem duas fazendas e um pequeno garimpo. Os fazendeiros estão procurando amedrontar os colônios que por lá se dirigem. Parece que o garimpo já houve briga. Tem quem desconfia do ataque dos índios afirmando que teria sido obra dos fazendeiros ou dos garimpeiros. Corre notícia de que um tal apelidado de "Baiano" sabia fazer flecha com os índios e logo depois do ataque teria sumido. Parece também que um dos fazendeiros esteja morando com uma índia. Tive informações de que o pistoleiro João dos Santos vulgo "Sapeçado" responsável pelo massacre de um grupo de WAU-WAU e que teria pego uma índia para viver com ele teria uma fazenda do lado de Alvorada D'Oeste que fica mais ou menos na mesma direção. Poderia ser a mesma pessoa.

A imprensa ao dar a notícia do ataque dos índios afirmou que aquela seria área de perambulação dos índios Zoró Gaviões e Paçoca Novos. Essa informação não tem fundamento porque os Zoró e Gaviões ficam no PI Lourdes do outro lado da BR-364 na divisa com o Mato Grosso e muito longe daquele lugar.

ZORÓ GAVIÕES E ARARA (PI LOURDES)

O PI Lourdes fica na divisa com Mato Grosso e reúne três grupos de índios — Zoró, Gaviões e Arara. Alguns anos atrás os Zoró que viviam nas margens do Rio Roosevelt no norte de Mato Grosso temendo novos ataques de seus rivais os Suruí, abandonaram o acampamento da FUNAI e caminhando a pé pelas matas, percorreram cerca de 150 quilômetros até atingirem o Igarapé Lourdes onde há vários anos estão aglomerados seus primos Gaviões e que falam o mesmo dialeto tupi. Os Arara ficam a cinco horas de caminhada da aldeia dos Gaviões e Zoró. Parece que os Arara querem se juntar aos outros dois grupos devido à estrutura montada pela FUNAI naquela posto-estação (na língua portuguesa), casas de tábuas, luz de motor etc.

O pessoal da SUCAM entra periodicamente na área para vacinar os índios contra a febre amarela e malária.

Um médico da SESP que conseguiu entrar na área disse que do ponto de vista da saúde os índios estão abandonados. Parece que eles mesmos lhe pediram de voltar com vacina contra as várias doenças que estão atacando os índios. Apesar de morar dentro de uma área demarcada, os índios não deixaram suas andanças. De vez em quando voltam para as terras dos antepassados que estão sendo ocupadas por empresas mineradoras, fazendeiros, garimpeiros, seringueiros e colônios.

RELACIONAMENTO COM FUNAI: DOS ÍNDIOS E DOS MISSIONÁRIOS

Em todo o Território de Rondônia, existe um só grupo de índios, os Paçoca Novos de Sagarana, que não estão sob a tutela da FUNAI. As terras de Sagarana, pertencem à Diocese de Guajará-Mirim. A aldeia fica aos cuidados da mesma Diocese, dois missionários leigos estão atuando na área, não é reconhecida como área indígena e só agora está sendo demarcada.

No Território, portanto, a FUNAI dona absoluta da situação ela manda e desmanda e está se tornando cada vez mais difícil fiscalizar o trabalho dela.

Numa entrevista pública concedida ao "Jornal de Rondônia", Apoená Meinelles afirmou que, nas áreas indígenas, os trabalhos procedem da melhor maneira, todos os índios estão sendo vacinados, os problemas de conflitos de terra resolvidos, as áreas demarcadas, afinal, está tudo sob controle. Agora, só quem não está realmente interessado com o futuro dos índios pode fazer uma afirmação desse tipo. As doenças, malária, tuberculose, gripe, sarampo, etc. continuam atacando os índios devidos aos contatos com os brancos que estão invadindo as áreas. Além das doenças típicas, parece que também outra doença esteja atacando os índios que estão sob a tutela da FUNAI: a fome.

Em dezembro de 1980, uns vinte índios Cinta Larga da Serra Morena são levados para Cacoal numa situação desastrosa devido a um surto de sarampo que se deu na aldeia. O hospital São Paulo que tem convênio com a FUNAI, não pode abrigar todos os índios, são internados só os mais graves e os outros ficam num salão da paróquia, apesar da gravidade da situação, não tem enfermeiro da FUNAI para atender os índios. Uma irmã se prontifica e passa dia e noite ao lado dos índios. Depois de 2, 3 dias, quando o estado de saúde começa a melhorar, chega uma enfermeira. Na ocasião, cinco índios morreram.

Em fevereiro de 1981 um surto de malária ataca os índios Gaviões do Posto Indígena Lourdes. Exemplos como esses são o pão de cada dia.

Conflitos por motivos de terra não faltam, aliás, têm de sobra... mas tá tudo sob controle da FUNAI. A mesma está procurando fazer a cabeça dos índios como hábil maneira de inte-

grar-os na des-comunhão nacional. Só mesmo quando os conflitos se prolongam, como é o caso dos Suruí do PI Sete de Setembro, os índios mais conscientes se revoltam contra a FUNAI que, embora afirme defender os índios, não consegue resolver os problemas.

O relacionamento FUNAI-IGREJA chegou a uma situação de impasse. Quem manda é a FUNAI e não tem pá-pó. Em Porto Velho, num contato com Apoená, procurei abrir o jogo pedindo permissão para entrar nas áreas. Só pode entrar nas áreas indígenas quem apresenta permissão escrita do Coronel Nobre da Veiga. Com a FUNAI não é mole não.

No passado era mais fácil. Os missionários das desobrigas tinham contatos periódicos com os índios de Rondônia. Agora a FUNAI ENTROU NA LINHA BURA E QUASE ninguém tem contato com os índios a não ser aqueles que atam de acordo com a ideologia da FUNAI (Novas Tribos).

RELACIONAMENTO DO CIMI NA IGREJA LOCAL

Até o mês de janeiro de 1981 Rondônia pertencia ao CIMI-Regional-Amazônia Ocidental. Embora o CIMI fosse conhecido e algo tivesse sido feito com os índios de Rondônia, faltava uma clara consciência eclesial da problemática indígena. Só alguns elementos isolados procuravam levar adiante uma conscientização a esse respeito. O trabalho não era aprofundado e não tinha coordenação. A maior preocupação era com os seringueiros e os migrantes.

A VI Assembléia do CIMI-Regional-Amazônia Ocidental, realizada em Rio Branco de 10 a 13 de janeiro de 1981, depois de ter analisado a situação concreta dos Povos Indígenas do Regional, chegou à conclusão de que a divisão do Regional permitiria um atendimento mais constante e eficaz aos índios de Rondônia. Os participantes da Assembléia que, entre outros contavam com a presença de Dom Geraldo e Dom José Martins, Bispos de Guajará-Mirim e Ji-Paraná, avaliados os aspectos positivos e negativos da proposta, resolveram levar a cabo o projeto. A presença constante de pessoas liberadas para um trabalho com os índios, permitiria uma tomada de consciência, também por parte da Igreja local. Claro que a criação de um novo regional, em si não resolve os problemas. Foi por isso que os Bispos presentes reafirmaram o próprio compromisso com a causa indígena na certeza de que o trabalho em conjunto se tornaria fonte de vida também para os índios.

Nesse trabalho, infelizmente não podemos contar com o apoio do Bispo de Porto Velho. Na capital do Território o CIMI só pode contar com o apoio de alguns padres, mas não é um trabalho assumido pela Igreja local. É difícil também procurar um diálogo com o Bispo devido às claras posições dele e às críticas constantes que ele faz ao CIMI. Na qualidade de coordenador do regional, procurei ter um papo com Dom João, ele mostrou claramente não assumir o trabalho embora deixe fazer.

O Regional está nascendo e se estruturando... é ainda criança. A Igreja está assumindo não só no sentido de deixar fazer mas também num trabalho de conscientização da população envolvida. Possibilidade de um contato direto com os índios não existem porque quem manda é a FUNAI. As Igrejas locais procuram ser um sinal profético na situação concreta em que se encontram a trabalhar. Padres e irmãs estão mostrando interesse pelo problema dos índios e estão pedindo material para eles, mesmo ter uma informação sobre a realidade concreta.

Egressos da FEBEM vão vigiar tribos indígenas

Trinta e nove chefias de postos da FUNAI serão ocupados, dentro de pouco tempo, por elementos vindos, na maior parte, de escolas agropecuárias; porém, 17 deles são egressos da FEBEM. É a primeira vez que a FUNAI lança mão de pessoal com essa origem. A denúncia é do bispo de Goiás Velho, D. Tomás Balduino, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário — CIMI, que completa: "evidentemente isso pode até ser uma solução para os jovens, mas será para os índios? Acredito que não".

Inicialmente esse pessoal poderá ocupar tarefas secundárias, mas o objetivo é o de dar-lhes cargo de chefia dos postos. Foram formados exclusivamente por funcionários da FUNAI. D. Tomás Balduino questiona o tipo de preparo desses funcionários, e é taxativo: "eles não têm categoria para formar futuros dirigentes de postos". Antes, todo esse pessoal era formado por professores da Universidade Nacional de Brasília, a UNB. Ainda D. Tomás: "É a primeira vez que a FUNAI lança mão de um pessoal desqualificado. Esse pessoal que passou pela FEBEM evidentemente foram graduados nessa instituição, e agora vão receber pós-graduação em postos indígenas".

ESTÁO REEDITANDO PRISÕES. O bispo de Goiás Velho diz ainda que "numa perspectiva de respeito pelo índio a FUNAI tem sido um fracasso. Evidentemente que ninguém é contrário à promoção desse pessoal, nem da sua ocupação. O que nos causa apreensão é tê-los recrutado nesse meio, e para um trabalho tão difícil. Eles foram formados de 17 de agosto a 6 de novembro último, em Brasília, no Centro de Treinamento Presbiteriano".

O chefe de posto é o maior cargo dentro dos postos da FUNAI. O responsável é quem responde pela equipe de enfermagem, braçais, vaqueiros, artesãos, pessoal da construção, enfim, umas 10 pessoas no total. Todos foram aprovados e vão ser imediatamente ocupados nessas funções.

Antigamente, diz ainda D. Tomás Balduino, adoteu-se aqui no Brasil a técnica dos presidios, e que está sendo reeditado o que parece. Em 1879, no tempo de Couto Magalhães, houve alguns presidios construídos nas áreas indígenas, com o objetivo de controlar a população. Hoje a História dá sua volta de 180 graus e retorna à mentalidade de presidios. E o que é pior, como acentuou o dominicano D. Tomás:

"Muitos desses chefes andam ostensivamente armados dentro das aldeias indígenas. Recebem porte de armas para isso. É uma espécie de treinamento militar que eles fazem".

(Rivaldo Chinem)